

## A FUNÇÃO DA MÚSICA NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

*Alisson Bruno Felipe Medeiros<sup>1</sup>  
Luiz Balsar<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Neste artigo pretende-se apresentar a função da música dentro da filosofia de Schopenhauer. No âmbito artístico, no tempo do filósofo, havia mudanças nas formas de composição que foram de bastante importância para sua filosofia, o Romantismo traz uma nova forma mais livre de composições, fazendo o homem expor seus sentimentos, dores e prazeres de uma maneira mais libertadora. A influência de Schopenhauer, não foi somente no âmbito musical, mas sim em toda a arte, tanto que ele faz uma hierarquização artística dentro de sua filosofia, classificando as artes respectivamente: arquitetura, escultura, pintura, poesia e música. Esta classificação deve-se pela objetivação que estas artes dão na Vontade. Schopenhauer, seguidor da filosofia kantiana sustenta que a realidade pode ser considerada sob dois pontos de vista, como coisa-em-si e como fenômeno, entretanto distintamente da filosofia de Kant, a coisa-em-si não é impossível conhecer, esta essência das coisas o homem pode encontra-la na arte, mais especificamente, na música.

**Palavras chave:** Música, Representação, Schopenhauer, Vontade.

**ABSTRACT:** In this article, we intend to present the function of music based on Arthur Schopenhauer's philosophy. In the artistic context, in the time that the philosopher lived, changes are occurring in the forms of composition that were of considerable importance for his philosophy. Romanticism brings a new freer form of compositions, making man expose his feelings, pains and pleasures in a more liberating way. The Schopenhauer's influence was not only in the musical sphere, but in all art, so much so he makes an artistic hierarchization within his philosophy, classifying the arts respectively: architecture, sculpture, painting, poetry and music. This classification is due to the objectivation that these arts bring upon Will. Schopenhauer, follower of the kantian philosophy, maintains that the reality can be considered from two points of view, as thing-in-itself and as phenomenon, however distinct from Kant's philosophy, the thing-in-itself is not impossible to know, because the man can find this essence of things in art, more specifically in the music.

**Keywords:** Music. Representation. Schopenhauer. Will.

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Filosofia pela Faculdade Vicentina. Email: alissonjmvbrasil@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Teologia. Professor da Faculdade Vicentina.

## INTRODUÇÃO

A arte pode ser descrita como um “saber fazer”. Grandes artistas destacam-se pela sua genialidade no mundo da arte, como Ludwig Beethoven, Leonardo da Vinci e outros. Estes e outros fizeram história através de músicas, pinturas e poemas que retrataram a situação do homem de seu tempo, fazendo com que a arte ganhasse importância no decorrer da humanidade, abordando aspectos do sentimento humano, como a dor e o prazer. Devido a essa grande influência da arte, a filosofia tem um campo específico que estuda a arte: a estética.

O objetivo deste artigo é abordar um campo particular da arte: a música. Seu objetivo geral é descobrir a função da música na filosofia de Arthur Schopenhauer, uma vez que ele eleva a música sobre todas as outras formas de arte.

O presente artigo será dividido em três objetivos específicos, inicialmente será feita uma contextualização histórica da música no tempo de Arthur Schopenhauer; em seguida será abordada a teoria da hierarquia das artes desenvolvida pelo filósofo; e, por fim, descreverá a função da música na filosofia de Arthur Schopenhauer.

### 1. O CONTEXTO HISTÓRICO DA MÚSICA NO TEMPO DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Arthur Schopenhauer é um filósofo alemão, nascido no ano de 1788, período marcado pela mudança de um século para o outro e por diversas transformações políticas, sociais e religiosas. No âmbito artístico, houve a passagem do Classicismo para o Romantismo, sendo assim, Schopenhauer pode acompanhar essas alterações. Schopenhauer, influenciado por seu pai, enquanto ele estava vivo, dedicou-se ao comércio, devido a isso, viajou por muitos países ainda criança, possibilitando o conhecimento de outros idiomas, o que futuramente iria contribuir muito para sua filosofia.

Após a morte de seu pai, o futuro filósofo dedicou sua vida aos estudos a partir da filosofia de Platão (428 a.C - 348 a.C) e de Kant (1724-1804). O seu relacionamento com sua mãe foi marcado por tumultos e conflitos, em decorrência da vida social agitada de sua mãe, o que ocasionou um distanciamento entre ambos, pois sua mãe era uma romancista com muitas aspirações para a literatura. Schopenhauer herdou dela a paixão pela arte, principalmente

pela literatura e pela música. Devido a essa paixão, o filósofo dedicou-se a conhecer grandes nomes da arte de seu tempo, tanto do classicismo como do romantismo.

A Revolução Industrial (1789) foi de grande influência para o interesse do filósofo pela arte, pois devido o contexto que a humanidade vivia, busca na arte uma forma de melhorar sua condição existencial. Portanto, segundo Silveira e Ribeiro (2012, p.3) no artigo *O pensamento filosófico de Schopenhauer sobre a música e suas possíveis contribuições para a educação musical brasileira* “tal disparate favoreceu o nascimento de uma produção artístico-musical que retratou a insatisfação dessa realidade, uma reação emanada pelo estado de alma em reação a esse mundo.” Sendo assim, através da música o homem iria expressar aquilo que estava sentindo, tal indignação, dor, ódio e outros sentimentos que descreveriam a vida do homem industrial europeu.

Diante dessa interpretação de mundo vista pelo homem, nomes da música que ficariam famosos e entrariam para a história, devido às grandes composições, começaram a surgir. Dentre eles Joseph Haydn (1732-1809), Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), Ludwig van Beethoven (1770-1827), Frédéric Chopin (1810-1849), Robert Schumann (1810-1856), Richard Wagner (1813-1883), e outros. Estes compositores, segundo Bennet (1986, p. 57) “tinham como fonte de inspiração um quadro visto, algum poema ou romance que lera”. Buscavam um fortalecimento de seu nacionalismo e naturalismo, através de músicas compostas em poemas literários (poemas sinfônicos) e também em *Lieds*<sup>3</sup>.

No período do Classicismo, as músicas davam “uma ênfase na beleza e na graça da melodia e da forma, proporção e equilíbrio, moderação e controle.” (BENNET, 1986, p.54). Há uma maior preocupação no equilíbrio, na estrutura formal e expressividade da música. Schopenhauer particularmente possuía uma grande admiração por Mozart e Haydn, sobretudo por Mozart, devido a sua grande preocupação com a técnica e a métrica, o que o diferenciava de outros compositores. Na medida em que Schopenhauer ouvia mais as composições de Mozart, ia inserindo a música em sua filosofia, a qual terá relevante função em sua filosofia, exposta na sua obra *O Mundo como Vontade e Representação* comparando a música com a própria Vontade.

---

<sup>3</sup> São canções compostas para piano e voz.

As composições dos artistas do período do Classicismo tinham um caráter universal, pois logo que eles as compuseram, outros artistas se inspiraram e seguiram os mesmos padrões métricos do classicismo. Diferentemente do estilo que surgirá após o Classicismo, período que ficou conhecido por Romantismo. Essa mudança de século traz uma música marcada pela expressão e exaltação dos sentimentos do homem.

O Romantismo não só marca um novo estilo, mas também uma nova forma de compor música.

Os românticos vieram desequilibrar a balança. Eles buscaram maior liberdade de forma e de concepção em sua música e a expressão mais intensa e vigorosa de sua emoção, frequentemente, revelando seus pensamentos e sentimentos mais profundos, inclusive suas dores. É claro que a emoção é encontrada, em maior e menor grau, em quase todo tipo de música, qualquer que seja seu período ou estilo, mas sua expressão mais forte se dá no período romântico. (BENNET 1986, p.57)

Essa mudança de concepção e preocupação musical interessou a Schopenhauer, pois não se tratava mais de uma música metricamente e formalmente igual, mas agora uma música com o estilo individualista do homem, o que é de grande interesse ao intelecto do filósofo. Esse individualismo fazia com que os compositores tivessem uma liberdade maior em suas composições, podendo expressar livremente suas emoções, sentimentos e principalmente suas dores. É frente a essa dor que Schopenhauer elabora a sua filosofia,

[...] É neste contexto que Schopenhauer elaborou uma produção filosófica capaz de fomentar uma decifração mais realista do enigma do mundo. Dedicou parte de seu pensamento para cuidar das artes, principalmente da música. Influenciou grandes artistas e filósofos com suas reflexões metafísicas e apresentou ao mundo, o lado sofredor do prazer. (SILVEIRA; RIBEIRO, 2012, p. 4)

Um exemplo paradigmático é a música produzida por Beethoven, um compositor referência do período romântico. Suas composições todas são relativas a fatos que marcaram a sua vida, adquirindo um caráter egocêntrico no âmbito musical. Aquele que ouve as músicas de Beethoven, reconhece que até mesmo nas angústias, infelicidades e

dores da vida, através do encanto que a arte nos traz pode ocorrer um sentimento profundo que alivia as dores que atingem o homem.

Essa transição musical, que se pode chamar de uma nova forma de compor a música, onde a música vai de uma métrica perfeita a um individualismo sentimental, interessa Schopenhauer e o faz dar uma importância muito grande a arte. Os sentimentos do prazer e da dor são explicados através da arte, especialmente neste artigo abordado, através da música. Perante essa influência que a arte tem sobre o homem, o filósofo vai hierarquizar a arte, abordando cada aspecto e cada fragilidade do âmbito artístico, conforme veremos a seguir.

## 2. A TEORIA DA HIERARQUIA DAS ARTES DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Conforme foi ressaltado no tópico anterior, o período romântico dá vida ao individualismo artístico, destacando os sentimentos humanos, principalmente a dor e o prazer. É através desta perspectiva que Schopenhauer vai preocupar-se em hierarquizar a arte, abordando o papel da arte, mostrando que a arte além de ser algo que nos faz bem

A arte repete as Ideias eternas apreendidas por pura contemplação, o essencial e permanente dos fenômenos do mundo, que, confirme o estofo em que é repetido, expõe como arte plástica, poesia ou música. Sua origem é o conhecimento das Ideias, seu fim único é a comunicação deste conhecimento. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 253)

A arte tem a finalidade suprema de tornar as ideias conhecidas, para então comunicá-las. É através da arte que o homem conseguirá se expressar, se conhecer e principalmente se comunicar. Essa hierarquização que Schopenhauer faz da arte vai desde a arquitetura até a música, que é por ele considerada a mais suprema de todas as artes.

A arquitetura como arte primeira, traz como foco a percepção humana. De acordo com Burnett (2012, p.151), “A primeira forma de apreensão de suas propriedades ocorre por via do conhecimento imediato e intuitivo de sua matéria, principalmente levando em consideração a sua densidade, resistência e coesão.” Ou seja, as expressões expostas pelas qualidades artística de



determinada obra, faz com que o homem demonstre interesse pela produção artística, pode-se dizer que aguça a percepção humana.

O homem, ao contemplar a produção arquitetônica, ele não olha por si mesmo, mas sim olha com o olhar que o artista desenvolveu, fazendo com que a arquitetura – diferente de outras artes – não transmita a cópia, mas a coisa em si. Dentro dessa perspectiva, a arquitetura aproxima-se da música, uma vez que enquanto a arquitetura é a transmissão da coisa em si, a música é a transmissão da linguagem do direto em si (o que vamos abordar no próximo tópico).

Após a exposição e colocação da arquitetura na pirâmide artística que Schopenhauer faz, vem a escultura e a pintura. O filósofo classifica essas duas artes como uma ideia da humanidade, ou seja, um termo geral, devendo olhar de uma maneira subjetiva, porém esse olhar subjetivo não irá tirar a objetividade que a obra apresenta. A objetividade que tanto a escultura, quanto a pintura têm, faz com que cada arte tenha seu valor objetivo, o que segundo ele pode até existir uma hierarquia dentro da própria arte.

Pode inclusive haver uma hierarquia interna a uma arte: uma estátua de homem será superior a uma estátua de cachorro, posto que exhibe uma superioridade, advinda da prévia hierarquia das Ideias, instituída dos atos originários da Vontade. (BARBOSA, 2001, p. 101)

Essa objetividade da matéria exposta pela arte e que é considerada na escultura, faz que o pintor ou escultor, tenha dificuldade em expor o caráter do indivíduo, causando grande fragilidade na sua intuição de exposição. Segundo Vieira (2006 p.76) na dissertação *O vínculo entre a música e a Vontade na filosofia de Arthur Schopenhauer* “O problema da arte está no fato de que a negação da Vontade, proporcionada por uma contemplação artística, é momentânea.”. Essa negação da Vontade, contempla apenas o lado material artístico e não o da Ideia ou representação que a mesma transmite.

A próxima arte abordada é a poesia, também entendida como alegoria. Até então, Schopenhauer havia tratado apenas de apresentar as características de artes plásticas, que nelas não havia uma exposição imediata e direta da Ideia, já com a poesia e a música esse caráter artístico será diferente.

Segundo Vieira (2006, p. 77) “a alegoria desvirtua a arte plástica, que tem de ser inteiramente intuitiva, separada da abstração, da imitação que está lado a lado com o conceito, se quiser apresentar-se como intuitiva, portanto

autêntica.”. Ou seja, é preciso que a arte agora vá além da matéria, exigindo que o expectador saia daquela figura que está à sua frente e entre em um mundo abstrato, algo fantasioso.

Essa nova visão artística é condenada por Schopenhauer como uma arte não plástica. Elevando-se a um grau maior dentro da hierarquia schopenhauriana, a poesia não se trata mais de definições baseadas em figuras, mas sim de algo fantasioso que o indivíduo cria, expressando assim seus sentimentos de maneira artística. O tipo de material utilizado pela poesia, assim como pela filosofia, é uma vantagem em relação às outras artes: os conceitos, para a poesia abre um amplo campo de possibilidades, que permitem desfilar variadas características, no conflito, nas ações, nas aventuras e dramas, podendo refletir o lado terrível da existência, os quais, em artes plásticas, não seriam expostos com a mesma intensidade, devido ao seu material ser estático. Podemos dizer assim, que há uma riqueza no material poético e isso garante sua superioridade frente às outras artes que tratam o universo humano. (VIEIRA, 2006, p. 78)

O material poético traz tanto aspectos filosóficos como artístico, havendo uma ponte entre as ambas formas de produzir conhecimento. Além da poesia, a música também traz estes aspectos. Sendo assim, as características presentes na poesia também se encontram na música, fazendo com que o filósofo se interesse mais e deixe essas artes em um grau maior que as outras. Devido a essa hierarquização que Schopenhauer apresentou sobre a arte, vários comentaristas escreveram abordando a teoria criada por ele

Entre a música no mais alto (grau) e a arquitetura no mais baixo, Schopenhauer organiza as belas artes restantes de acordo com sua correspondência aos graus da objetivação da Vontade. A hierarquia contempla é relativamente fácil de fornecer, interpondo a poesia, literatura, pintura e escultura de acordo com o já dito. Escultura está naturalmente mais perto da arquitetura que da música, a pintura estado entre a escultura, a poesia e a literatura, com a poesia entre a música e a literatura. A hierarquia, das mais altas às mais baixas formas de arte, num superficial esboço, apresenta isso: Arquitetura -> Escultura -> Pintura -> Literatura -> Poesia -> Música. (NOCKO, 2009, p. 34)

Essa hierarquização artística apresentada por Schopenhauer, e como o comentador abordou, mostra que a música, além de estar sobre todas as outras artes, ganha uma atenção especial pelo filósofo. A música é considerada aquela arte que paira sobre todas as outras, considerada uma arte suprema. Devido a essa elevação da música, o próximo tópico abordará sobre ela.

### 3. A FUNÇÃO DA MÚSICA NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Após a exposição da pirâmide artística, entendida por Schopenhauer como a *Hierarquia das Artes*, entra em foco o que é chamado pelo filósofo como a arte que “paira” sobre todas as outras: a música.

44

Ela não é incluída na pirâmide hierárquica das artes, mas, suprema, paira sobre todas elas. Não é a exposição de Ideias, de representações independentes do princípio de razão, sim uma arte que fala a linguagem direta da coisa-em-si. (BARBOSA, 2001, p. 124)

Há uma separação da música das outras artes, pois para Schopenhauer com a música o homem vai expor por completo seus sentimentos, não havendo uma cópia, mas sim a tentativa de tocar o íntimo do homem. A música é entendida como uma linguagem universal, atingindo este íntimo do homem, porém não de maneira subjetiva, mas sim objetiva, como nos aponta o filósofo

A música exprime, portanto, não esta ou aquela alegria singular e determinada, esta ou aquela aflição, ou dor, ou espanto, ou júbilo, ou regozijo, ou tranquilidade de ânimo, mas eles MESMOS, isto é, é a Alegria, a Aflição, a Dor, o Espanto, o Júbilo, o Regozijo, a Tranquilidade de Ânimo, em certa medida *in abstracto*, o essencial deles, sem acessórios, portanto também sem os seus motivos. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 345)

A música é portanto a linguagem universal, expressando apenas a quintessência<sup>4</sup> da vida, tentando eliminar todos os males que o homem tem durante a vida, porém não de maneira subjetiva, pois para o filósofo as palavras presentes

---

4 A parte mais pura de um todo.



na música podem levar o homem a se preocupar apenas com seus sentimentos e esquecer o verdadeiro sentimento.

A música procura apegar-se em demasia às palavras e amoldar-se aos eventos, esforça-se por falar uma linguagem que não é sua. De um semelhante erro ninguém melhor se livrou do que ROSSINI<sup>5</sup>. Por isso sua música fala tão distinta e puramente a sua linguagem PRÓPRIA, visto que quase não precisa de palavras e, por conseguinte, provoca todo o seu efeito mesmo se executada só com instrumentos. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 344)

A instrumentalização da música é o que a diverge da arquitetura, conforme vimos no tópico anterior, é o que faz a música ser a arte direta da coisa-em-si. Schopenhauer busca abordar a música baseando-se nos estudos kantianos da coisa-em-si, como algo que existe por si mesmo independentemente da percepção do sujeito. Um exemplo disso é apontado por Schopenhauer (2005, p. 344) “[...]Quando alguém se entrega por inteiro à impressão de uma sinfonia, é como se visse desfilar diante de si todos os eventos possíveis da vida e do mundo[...]”. A música não depende do sujeito, não depende da experiência que o sujeito tem, ela apenas se expressa na sua própria natureza.

Partindo da expressão kantiana da coisa-em-si definido por ele, segundo Santa María (2010, P. 24) “como suposta causa inteligível da matéria do fenômeno, [...] ao aplicar a categoria da causalidade além da experiência possível.”. Esta causa inteligível seria a essência das coisas, concluído por Kant, como aquilo que não pode ser definido pelo homem, podendo apenas conhecer o fenômeno, ou seja segundo Sousa (2014, p. 186) no artigo *A vontade como coisa-em-si em Schopenhauer e sua crítica à filosofia kantiana* “[...] a coisa em si torna-se impossível; só conhecemos o espaço onde se situam os objetos da experiência e todas as impressões sensíveis apenas pela via da subjetividade.”.

Kant concluindo que o homem não poderia chegar ao conhecimento da coisa-em-si e ficando apenas com o conhecimento das coisas fenomênicas, acaba sendo superado por Schopenhauer, pode-se dizer que o discípulo superou o mestre. O filósofo alemão vai além da distinção kantiana entre coisa-em-si e fenômeno e segundo Sousa (2014, p. 188) “estabelece-se nesta perspectiva filosófica, que a primeira é a Vontade e o segundo é uma manifestação da primeira, sendo, desta forma, a vontade particular materializada no interno de

---

5 Gioacchino Antonio Rossini (1792-1868), músico italiano decorrente do período romântico.

cada indivíduo.” Sendo assim, Schopenhauer conclui que a coisa-em-si para Kant é a Vontade e o fenômeno é a representação das coisas. Aquilo que por Kant não podia ser conhecido, agora em Schopenhauer acaba por ser alcançado pelo homem. Porém, como o homem pode chegar a esse conhecimento?

A arte é a resposta a essa pergunta. Através da arte que o homem poderá chegar ao conhecimento da coisa-em-si, denominada agora na filosofia de Schopenhauer como Vontade. Porém a arte que mais consegue chegar a este conhecimento é a música, o que segundo Schopenhauer, esta grandiosa arte

[...] repete as Ideias eternas apreendidas por pura contemplação, o essencial e permanente dos fenômenos do mundo.[...] Sua origem é o conhecimento das Ideias, seu fim único é a comunicação deste conhecimento. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 253)

46

A música, como arte máxima, exprime a verdadeira essência das coisas, expressa a Verdadeira Vontade, em caráter objetivo, em linguagem universal. A música torna-se Vontade na filosofia schopenhauriana. O homem que se pratica a arte, especificamente a música, vai além do mundo fenomênico. Segundo Barbosa (2001, p. 131) “uma explicação completa da música, em conceitos, seria uma explicação completa do mundo, em conceitos, portanto, seria a verdadeira filosofia.”. A música através de suas expressões dirigidas ao homem, o conquista com uma verdadeira eficiência.

Tão grande importância que Schopenhauer dá para a música em sua filosofia, como a verdadeira comunicação das Ideias que Barbosa conclui que:

[...] O leitor de *O Mundo...* poderia muito bem, em vez de dizer ‘o mundo é fenômeno da Vontade’, na verdade afirmar ‘o mundo é fenômeno da Música’. O próprio título da *opus magnum* de Schopenhauer, em vez de ‘O Mundo como Vontade e como Representação’, poderia ser ‘O Mundo como Música e como Representação’. Surpreendente: *Schopenhauer não só tornou a coisa-em-si kantiana cognoscível, como a fez cantar!*

A coisa-em-si kantiana, dentro da filosofia de Schopenhauer, passou a ser a Vontade. O filósofo alemão tornou a música, a Vontade das coisa, sempre com uma linguagem universal, buscando sempre afirmar a Vontade e sempre estando ligadas aos sentimentos do homem, a música buscará atingir a dor e o prazer, buscando como nos remete Schopenhauer ‘a linguagem direta do coração’.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo pretendemos apresentar parte de uma grande teoria desenvolvida por Schopenhauer. No primeiro tópico, conclui-se que a mudança do período Classicista para o Romancista, traz uma nova ideia de arte para o homem, especificamente a música. O compositor não deveria mais ficar “fechado” em uma composição métrica, preocupando-se principalmente com a estética da sua composição, esquecendo os seus sentimentos, deixando de lado aquilo que o marca na música.

O período romântico trouxe esta liberdade na composição artística do homem, os problemas desse período fizeram com que a insatisfação fosse exposta através da arte e os sentimentos do homem foram musicalizados, principalmente com os compositores que marcaram o período. Pode-se concluir que a música passou a fazer parte do mais íntimo do homem.

Dentro desse contexto artístico, encontra-se Schopenhauer, que vendo essa mudança radical no âmbito artístico, trouxe a arte para sua filosofia, classificando essas artes em uma ordem hierárquica. Como base nessa pirâmide vem a arquitetura, que busca atingir a percepção do homem; seguida pela escultura e pintura, que tem seu valor objetivo e que é classificado dependendo da subjetividade do sujeito; a poesia está acima, devido a abstração que ela apresenta, leva o homem a um mundo fantasioso. Após a poesia encontra-se a música, porém o filósofo decide não incluí-la nesta pirâmide pelo fato dela ser a arte suprema, a arte que ganhou a sua filosofia.

A música que foi considerada por Schopenhauer a arte grandiosa, paira sobre todas as outras artes, devido a sua linguagem em-si. Pelo fato de Schopenhauer ter seguido a filosofia de Kant, a coisa-em-si da filosofia kantiana foi traduzida por Vontade na filosofia schopenhauriana, e fenômeno por Representação. Para Kant o homem não conseguiria de maneira alguma chegar a essência das coisas à coisa-em-si, porém Schopenhauer tratando a música como essa linguagem em-si, diz que a música é essa essência, ou seja, através da música o homem conseguirá esse feito.

A música, sendo linguagem universal, tocará o homem. Portanto, não depende mais de um método científico, o homem através da música consegue ir além do mundo fenomênico, e acaba conhecendo a verdadeira essência das coisas existentes no mundo, afim de conhecer-se por inteiro, afim de expor seus sentimentos, prazeres e dores. O homem com a música consegue explicar o mundo.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jair. **A metafísica de Arthur Schopenhauer**. São Paulo: Humanitas / FFLCH/ USP. 2001. 146p.

BENNETT, R. **Uma breve história da música**. Tradução de Maria Resende Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

BURNETT, Henry. A metafísica da música de Arthur Schopenhauer. **Veritas**, Porto Alegre, v. 57, n. 2, p. 143-162, maio/ago. 2012.

NOCKO, Caio Manoel. **A complexidade da música na filosofia de Arthur Schopenhauer**. 2008. 92f. Dissertação (Mestrado em música) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SANTA MARIA, Pillar López. La crítica de Schopenhauer e la ética kantiana. In: REDYSON, Deyve (Org). **Arthur Schopenhauer no Brasil: em memória dos 150 anos da morte de Schopenhauer**. João Pessoa: Ideia, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução, apresentação, notas e índice de Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 695p.

SILVEIRA, Carlos Roberto da; RIBEIRO, Alan Barcelos. O pensamento de Schopenhauer sobre a música e suas possíveis contribuições para a música brasileira. **Theoria**, Pouso Alegre, v. 4, n. 9, p. 1-16, 2012.

SOUSA, Karla Samara dos Santos. A Vontade como coisa-em-si em Schopenhauer e sua crítica à filosofia kantiana. **Revista Litterarius**. Santa Maria, v. 13, n. 2, p. 179-197, 2014.

VIEIRA, Franciele Krindges. **O vínculo entre a música e a vontade na filosofia de Arthur Schopenhauer**. 2006. 109f. Dissertação (Mestrado em filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.